

Labirintos da identidade: análise do discurso identitário dos grupos de Ternos de Reis, em Itapetinga-Bahia

Labyrinth of identity: the analysis
identity discourse of the Ternos de Reis' groups in Itapetinga-Bahia

Moisés dos Santos Viana¹
Odilon de Mesquita Filho²

RESUMO: O objetivo geral desta pesquisa é investigar aspectos do funcionamento do discurso identitário dos grupos de Ternos de Reis. Esse discurso identitário é encontrado em enunciados da fala de seus participantes. Foram entrevistados dois líderes de Ternos de Reis e seis representantes da comunidade, numa amostra não-probabilística por intencionalidade ou julgamento. Seguiu-se o marco teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, em que o discurso é entendido como efeito de sentido entre interlocutores. Destaca-se uma Formação Ideológica (FI) como tema polêmico dentro do contexto sócio-histórico de Itapetinga acerca dos grupos de Ternos de Reis, em que diversos discursos funcionam expressando, as posições ideológicas através dos sujeitos discursivos. O tema da identidade dos participantes dos Ternos de Reis apresenta diferentes discursos ou formações discursivas: FD-1 tempo e memória - passado glorioso: Há o discurso exaltando um passado glorioso e mítico; FD -2 tempo atual - presente difícil, futuro incerto.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Cultura Popular. Discurso Identitário. Ternos de Reis.

ABSTRACT: The overall goal of this research is to investigate aspects of the functioning of the identity discourse of the Terno de Reis' groups. This identity discourse is found in speech utterances of its participants. It was followed by the theoretical-methodological mark of the discourse analysis of the French line, where the speech is understood as the effect of meaning between interlocutors. It is detached an Ideological Formation (IF) as a controversial issue within the socio-historical context of Itapetinga about the Terno de Reis' groups, in which several speeches work expressing, the ideological positions through discursive subjects. The theme of the participants identity of the "Terno de Reis" presents four different discourses or four discursive formations: FD-1 time and memory - glorious past: There is a speech exalting a glorious past and mythical; FD -2 current time - difficult present, uncertain future: there is a speech which is dramatized by a threatening present, where sadness and desperation point to an uncertain future.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Popular Culture. Identity Discourse. "Terno de Reis" groups

Introdução

Os Ternos de Reis constituem uma manifestação cultural, de caráter popular e religioso, presente em várias regiões brasileiras. Em Itapetinga, cidade localizada no sudoeste

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação (Conceição do Coité). tutmosh@gmail.com.

² Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Departamento de Letras e Artes. o.pinto@terra.com.br.

da Bahia, a 570 quilômetros de Salvador, esses grupos de Reis fazem apresentações públicas no período do Natal, com o objetivo de venerar o Menino Jesus, por meio de danças, cantos e rezas. A maioria dos participantes desses grupos é originária do meio rural, onde se consolidou a tradição do reisado, como um elemento cultural pré-moderno (TRIGUEIRO, 2008), mas que se torna constitutivo da identidade dessa população (HALL, 2000). Essa identidade é expressa nos cantos do Terno de Reis e na fala de seus participantes. Nesses textos, podemos encontrar um discurso identitário desses grupos.

O discurso identitário é uma maneira de manter-se integrado diante das dificuldades, problemas e marginalização que os sujeitos sociais passam no contraste entre o meio rural (pré-moderno) e a cidade, ambiente inóspito e marginalizador (moderno). O discurso identitário dos participantes dos Ternos de Reis reproduz a riqueza étnica da comunidade e suas memórias. Ele preserva os valores do grupo e se desenvolve em sua práxis (MAINGUENEAU, 2000). No discurso, há uma correlação de forças entre memória e acontecimento presente. É no discurso que há a regulação do pré-existente e sua integração com o presente, solidificando a tradição na práxis cotidiana. Essa tensão entre memória e cotidiano dá ao discurso identitário dos participantes dos grupos de Ternos de Reis em Itapetinga uma instabilidade dinâmica entre inovação e conservação (PÊCHEUX, 1999). Assim, cabe questionar como funciona esse discurso identitário em sua relação com a possibilidade de um turismo cultural na cidade de Itapetinga.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é investigar aspectos do funcionamento do discurso identitário dos grupos de Ternos de Reis. Esse discurso identitário pode ser encontrado em enunciados da fala de seus participantes, ao responderem a um questionário aplicado.

A pesquisa é qualitativa porque a relação entre sujeito e objeto não é medida apenas por números: “[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20). Para obtenção dos dados primários, recorre-se à coleta de enunciados contidos nas entrevistas com seus participantes,

tratando-se, portanto, “de uma interação entre pesquisador e pesquisado” (SEVERINO, 2007, p. 124). Foram entrevistados: dois líderes de Ternos de Reis, com mais de cinco anos à frente do grupo e maiores de 18 anos e seis representantes da comunidade, maiores de 18 anos e ex-participantes de grupos de Reis em uma amostra não-probabilística por intencionalidade ou julgamento.

Faz-se a fundamentação teórica da AD, também chamada de dispositivo teórico da análise. Além disso, discute-se conceitos como cultura popular, referências culturais, e identidade; esses tópicos constituem o dispositivo analítico do trabalho. Após isso, faz-se a análise parafrástica e polissêmica dos enunciados para se identificar a Formação Ideológica e as Formações Discursivas (FD-1 e FD-2).

Fundamentação teórica

Como base teórica assume-se nessa pesquisa a Análise do Discurso (AD), de linha francesa, que entende a linguagem como evento social e histórico, o discurso. Assim, segundo a AD, a linguagem não está apenas ligada a estruturas gramaticais, mas conectada e realizada em um universo relacional econômico, ideológico, social e histórico (BRANDÃO, 2003).

Assim sendo, o modelo conceitual da AD investiga como o simbólico está relacionado ao seu contexto histórico-material, em que é gerado significações ou efeitos de sentido. Para tanto, leva-se em conta os elementos ideológico e simbólicos que perpassam a linguagem. Por isso, a AD se preocupa com a língua em movimento (opaca e não-transparente) que envolve sujeito e situação numa relação entre inconsciente e contexto social (ORLANDI, 2007a, p.19-20). Na elaboração do discurso, deve haver um universo mínimo de sentido, um conteúdo que tenha um saber expressivo, que se subdivide em saber linguístico e saber idiomático. A atuação do discurso obedece ainda a determinadas circunstâncias, ouvinte e assunto. O discurso está totalmente envolvido nas redes que perpassam os labirintos sociais, políticas, religiosas, econômicas e culturais, com um tema popular e historicamente cristalizado. Interessa identificar, compreender e analisar como está sendo dito e o que está sendo dito, ou

seja, o seu funcionamento. “Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2007a, p.27).

Por conseguinte, a ação discursiva se faz na inter-relação do psicológico humano com o social, uma interface de encontros que vão determinar o discurso como um fenômeno que acontece na história. O sujeito não é límpido ou neutro, ele é afetado como sujeito histórico, dentro de mecanismos materiais e historicamente determinados que condicionam sua posição social, em que ecoa também o inconsciente. Esse sujeito do discurso é uma posição ocupada no processo discursivo e identitário. Historicamente, ele parece estar assujeitado, pois encerra a contradição da liberdade sem limites com a submissão sem falha. Por isso, observa-se a relação da língua com o discurso “mediatizada pelo psicossociológico” que dá ao discurso um caráter individual do locutor, camuflando as características conjunturais do discurso manifestado numa comunidade (BRANDÃO, 1997, p. 37).

Por sua vez, a partir da Formação Ideológica (FI), surgem posições específicas que se convergem ou estão em conflito, chamadas de Formações Discursivas (FDs). Assim, o discurso pode abranger o posicionamento do sistema que produz textos como o discurso neoliberal ou o discurso religioso. Nas FDs o discurso se relaciona ao conjunto de enunciados produzidos por categorias provenientes de um determinado campo que especifica e a tipos de discursos a ser expresso na comunicação. Ademais, na Formação Discursiva (FD), deve-se levar em conta o contexto e a junção sociocultural e histórica, correlacionados em atmosfera social: “A língua constitui a condição de possibilidade de discurso, pois é uma espécie de invariante pressuposta por todas as condições de produção possíveis em um momento histórico determinado” (BRANDÃO, 2003, p. 34). Portanto, na produção do discurso emergem significações e sentidos, ou seja, é na construção do sentido que se encontra a formação discursiva.

Para a FD é relevante o estado social do emissor, do receptor (locutor do discurso e interlocutor) e das condições sociais da situação de comunicação. Em outras palavras, o discurso surge da interface da formação social da realidade dialética materialista histórica, da contradição das classes sociais que será interpretada a partir da FD do sujeito e dos

enunciados que assume como seu. O sujeito, após produzir seu discurso e transmiti-lo, fá-lo por si só, assumindo o papel de locutor ou sujeito falante de uma situação. Na FD há uma manifestação interdiscursiva, a memória discursiva: “saber discursivo que torna possível todo dizer que retorna sob a forma do construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2007a, p. 31). É na constituição discursiva que a memória discursiva será reformulada e plastificada, envolvendo o sujeito em seu contexto em um conjunto dialético e dinâmico, por isso mesmo vivo, numa forma identitária e comunicacional, “fato de significação” (DAVALLON, 1999, p.24).

Michel Pêcheux (1999, p. 50) ao descrever o papel da memória discursiva relata que esta deve ser observada sob perspectivas entrecruzadas que envolvem a memória mítica, a memória social, a individual e a memória construída pelo historiador. Daí que para o filósofo, há a possibilidade de se discorrer acerca de uma memória discursiva:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condições do legível em relação ao próprio legível (1999, p. 52).

No discurso, assim, há sempre uma correlação de forças entre memória discursiva e acontecimento presente. É no discurso que há a regulação do pré-existente, a integração entre acontecimento presente, quando ele acontece e a memória invocada no discurso, ou memória discursiva emerge em forma de enunciado contemporâneo. As falas são concretizadas em enunciados que se repetem em formas diferentes. A memória volta em léxicos novos, como metáfora do acontecimento do passado visionado pela metáfora do presente.

Dispositivo analítico

DaMatta (1984) declara que a religião é empregada como base sociológica na concepção do Brasil, enquanto povo. Uma espécie de garantia criativa e peculiar à identidade brasileira. A esse *ethos* se associou o conjunto cultural do negro e do índio para sintetizar e

reinterpretar o catolicismo e a cultura brasileira: “[...] capaz de permitir a incorporação, em um universo comum de sentido, de muitas crenças e prática rituais outras [...]” (MONTES, 1998, p. 137). Por exemplo, os festejos com os Ternos de Reis como manifestação sociocultural que marcam as festas natalinas de origem católica, parecem abranger diversos ritos religiosos, discursos e elementos híbridos culturais (GARCIA CANCLINI, 2000). As personagens enigmáticas dos três reis magos que a tradição chama de Baltazar, Gaspar e Belchior são incorporados e reelaborados nos Ternos de Reis num critério popular criativo, rico e que marca a identidade desses grupos na comunidade.

Esses grupos recebem o nome de Ternos de Reis, Pastorais do Senhor Menino, Folias de Reisadas. No Nordeste, Bois de Reis, Reisadas, Pastoris, Bailes Pastoris, Companhia de Reis. Essas festas vieram da Europa com um caráter puramente religioso das “Jornadas de pastorinhas”, quando meninas-moças por ocasião do natal saiam cantando, pedindo esmolas nas cidades e agradecendo os donativos. No Brasil essa manifestação cultural toma um caráter rural, vai mudando o contexto das letras, mas o ritmo se assemelha ao movimento do passado do catolicismo ibérico (LOZI et al., 2003). O que chama atenção esteticamente nos Ternos de Reis são suas vestimentas sempre muito coloridas e brilhantes com motivos festivos nas cores dourado, vermelho e verde, sem deixar passar o amarelo-ouro que lembra a realeza.

A formação desse mito (narrativa) vindo de Portugal, fortalecido no Brasil com sua tipicidade, alarga-se e toma seu lugar na cultura popular brasileira e por isso se torna uma espécie de ligamento entre sujeito e estrutura, constituindo-se um discurso típico do contexto social que estão inseridos e por isso formando identidades.

Daí um universo de símbolos religiosos caracterizam o Brasil como um todo, em particular, Itapetinga com as manifestações culturais da comunidade que se expressam muito além de uma identidade subjetiva “[...] um sujeito único e que é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade. A consciência de minha continuidade em mim mesmo” (BRANDÃO, 19---, p. 327). Entretanto, é mister fundamentar essa impressão acerca da identidade, pois as inter-relações socioculturais acontecem no contexto dentro da

sociedade que também determina a identidade, ou seja, o sujeito se identifica nos sistemas construídos a partir de uma dialética histórica com seu meio.

Por isso, é de interesse salientar que a identidade é constituída no grupo, pertence ao grupo e com o sujeito de uma forma dialética se cristaliza como elemento seguro para sobreviver enquanto ser humano. O outro vai determinar o reconhecimento do sujeito enquanto detentor de uma identidade pessoal. O grupo serve como um mecanismo de encontro para o auto reconhecimento dos sujeitos membros na comunidade. Os discursos, os cantos, o modo de apresentação destes faz a ponte de relação comunitária, tornando-se uma expressão da identidade do grupo no resto da sociedade.

Segundo Ferreira (2009) Itapetinga é constituída sob um “contraste interessante” entre zona rural (pré-moderna) e urbana (moderna), que é evidente nos números: em 1952, a população de 28.261 habitantes da cidade passa, em 2000, 55.182 habitantes da sede do município e apenas 2.749 na zona rural. Em 2008 esse número passa para 65.904. Essa população de migrantes, não só deixa de uma forma abrupta seu contexto rural com suas simbologias e tradições, memórias e valores, como também carrega um tesouro discursivo típico, efeito de sentido no mundo, suas crenças que de alguma forma não se esvai no tempo, mas são reforçados nos Ternos de Reis, nos cantos e discursos desses grupos que se acoplam à cultura popular.

A identidade constituída dialeticamente entre o sujeito e a comunidade faz-se presente sob a perspectiva da cultura. Assim, a complexidade emerge da necessidade humana e nela se faz presente, nutrindo a resposta que temos sobre a cultura e sobre as inter-relações entre o sujeito e o contexto que ele vive formando seu discurso, que na verdade não é dele, mas da comunidade onde ele está inserido. Por isso mesmo, o processo cultural seria então dialético, histórico e variável em diversos aspectos contextuais. Para cada tempo e espaço, tem-se um modelo específico de cultura, um modelo antropológico a ser seguido, indo de encontro à concepção moderna de cultura, matematicamente determinada, conceitualmente ocidental. Nesse caso, Hall (2005) destaca a universalidade da cultura na vida das pessoas e na sociedade desde as atividades mais cotidianas às mais complexas atividades humanas, mas que está em

conflito, dado que é uma relação de contrates que se vê escrito nas transformações postas pela modernidade e pelo capitalismo. A cultura, desse modo, se insere numa perspectiva de condições de produção historicamente determinadas e assim toma um escopo próprio de onde é produzida.

Aqui, neste trabalho, assume-se a perspectiva de Bosi (2007, p. 19) que destaca a existência de duas culturas em diálogo na comunidade ocidental moderna. Uma é a que se aspira com erudição e a outra é a que se vive na realidade: “Empobrecedora para a nossa cultura é cisão com a cultura do povo: não enxergamos que ela nos dá agora lições de resistência como nos mais duros momentos da história da luta de classes” (p. 28). As perspectivas para a pesquisa é esclarecer a questão referente ao ponto de vista da cultura popular que emerge junto à cultura erudita a partir do século XVI com a ascensão do conhecimento instrumentalizado e dicotomizado pela ciência moderna (VIANA; SILVA, 2007).

A cultura popular (dinâmica, orgânica e expressiva) emerge paralela à cultura erudita (modelos rígidos e matematicamente construídos para ordenar o mundo), produzindo obscuridade dos conhecimentos e cisão entre vida e conhecimento. Garcia Canclini (2000) destaca que a cultura popular, imersa na tradição, pré-moderna, mas presente na contemporaneidade, apresenta-se sob três aspectos estruturantes de formação e causa: a população não absorve a produção cultural urbana; os meios massivos de comunicação são oxigenados pela cultura popular que é negada e aproveitada como bem simbólico a ser reelaborado e depois consumido pelas classes não integradas à elite e sua cultura (legitimadora política dos processos de dominação de classe); a dinâmica vital dos processos de construção, apresentação, retroalimentação da cultura popular.

Por isso não se deve desvincular o papel da cultura popular de sua funcionalidade: guardar a memória, fatos, pessoas e ideias. A UNESCO vai classificar esse patrimônio como uma série de conhecimentos e técnicas que junto às pessoas possuem um valor excepcional à comunidade, resgatando um saber único e singular: linguagem, música, manifestações culturais (festas, ritos de passagem), modos de vida, costumes. O signo de herança se faz no

âmbito de perpetuação da cultura, a especificidade de um legado que é transmitido e que se torna referência para a comunidade, pois marca sua identidade. Como os Grupos de Ternos de Reis que marca a memória de gerações e que remete a uma ancestralidade, as tradições perdidas no tempo e no espaço, mas que ainda marca um grupo, tem significado para um determinado grupo social, delimitando e marcando a identidade desse grupo. Tudo isso parece agora ser abarcado como patrimônio, desafiando as políticas e a realidade acerca dos processos culturais. Assim, o conceito tem influência da antropologia e dos estudos culturais, abarcando expressões da cultura (CASTRO; LONDRES, 2008, p. 12).

Inserir-se nesse contexto os grupos de Ternos de Reis de Itapetinga, pois assumem as características de um grupo que carrega a cultura tradicional, popular, referência para muitas pessoas da comunidade, mas que não faz parte das ações dos poderes públicos, bem como dos promotores culturais do patrimônio imaterial. A memória de grupos de Ternos de Reis como patrimônio que se insere a necessidade de identificar, salvaguardar, conservar, difundir e proteger, nessa perspectiva, o caráter tradicional e popular que essa cultura se manifesta.

Assim, os grupos de Ternos de Reis, nas falas dos sujeitos são identificados elementos que se destacam como importantes nas relações e identidades sociais. Por isso, a importância de saber e valorizar, promover, apresentar tais grupos como Referência Cultural em Itapetinga. Ou seja, as ligações dos sujeitos às práticas simbólicas construídas como discursos que emergem dentro de um contexto específico. As perspectivas dos sujeitos que formam os Ternos de Reis, seus discursos e linguagens são pontuais para uma Análise do Discurso.

Análise dos dados

Observa-se na AD que o sujeito não é dono do seu discurso, pois ele é assujeitado a uma Formação Ideológica (FI). Em vez de o sujeito falar o discurso, é o discurso que fala o sujeito. Ademais, a FI é qualquer tema polêmico dentro de um contexto sócio histórico, em que diversos discursos funcionam expressando, através dos sujeitos discursivos, as posições ideológicas que estão, ou não, em conflito.

Para Orlandi (2008, p. 22), é nesse processo que se encontra a submissão à ideologia:

“[...] pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade”. Desse modo, o sujeito discursivo assume uma determinada posição controversa que aparece e se concretiza na linguagem pela Formação Discursiva (FD). Dessa maneira, uma FI contém duas ou mais FDs.

Há uma linha que se estende entre um passado remoto até um futuro incerto, marcando a identidade dos grupos de Ternos de Reis e sua relação com a sociedade em Itapetinga:

- a) passado: passado glorioso;
- b) presente: difícil e futuro incerto;

O tema da identidade dos participantes dos Ternos de Reis apresenta diferentes discursos. Há o discurso exaltando um passado glorioso e mítico e há o discurso dramatizando um presente ameaçador, em que a tristeza e o desespero apontam para um futuro incerto.

Formação Discursiva 1 (FD-1) tempo e memória - passado glorioso

A FD-1 indica a memória de um tempo glorioso, valorizando o passado. A FD-1 tem, como memória discursiva, a recordação de um passado glorioso, expresso em narrativas que envolvem os Ternos Reis. Fala-se de uma época em que havia o reconhecimento social e a dignidade do reisado:

O povo vinha de longe atrás de uma festa [...] (29).

A toda Formação Discursiva está associada uma memória discursiva. Esta torna possível fazer circular formulações anteriores, já enunciadas em outras formações discursivas historicamente próximas (BRANDÃO, 1997). A memória discursiva seleciona enunciados do interdiscurso que estão de acordo com seus princípios, ao mesmo tempo em que “esquece” outros que os contrariam. Assim, na FD-1 sobre a identidade dos Ternos de Reis, são repetidos enunciados que mostram o entusiasmo da comunidade por essa manifestação

cultural. Mas, ao mesmo tempo, são “esquecidos” os possíveis enunciados que mostram as dificuldades que esses Ternos enfrentavam no mesmo período.

Essas memórias resgatam o discurso de alegria e felicidade relacionadas à manifestação cultural e tradicional dos Ternos de Reis, típica da pré-modernidade e das classes populares rurais (GIDDENS, 2005), como se observa nos enunciados:

Oia, isso não tenho uma lembrança não [...] nessa faixa de uns vinte anos. O nosso Terno de Reis era todo Organizado, os casados as camisas era de um jeito os solteiros de outro. A camisa, o traje que vestia hoje, amanha já trocava, já ia para vestir no dia anterior. Onde a gente podia ir de carro a gente ia, onde não podia, a gente dava a volta, o carro dava uma volta para pegar nós. Nós fez sucesso em Caatiba (02).

Na FD-1, a memória discursiva é formada por enunciados com sentidos que valorizam a época antiga. Nessas memórias resgatadas não há documentos registrados e provas documentais, o que é evidente na imprecisão cronológica:

Eu cantei muito reis antigamente, há uns vinte a quarenta anos atrás, uns quarenta anos, eu cantei muito (16).

O “sucesso” nesse caso é o reconhecimento por parte da comunidade e o prestígio, pois os Ternos de Reis foram elementos de dignidade, marcando o passado memorável:

[...] já estavam esperando aquele terno chegar já pra fazer almoço, já pra fazer um café, esperar o terno pra fazer um café, um almoço, ali sempre, era sempre assim esperando um terno na casa [...] (55).

Dessa maneira, o passado é um tempo de festa, alegria, comemoração, como se destaca no enunciado:

[...] fazia festa dentro da casa, mesmo que não fizesse, mas você chegava lá tinha aquela mesa bonita, farta, nera? (não era). Com tudo, as pessoas chegava (chegavam)[...] (15).

A memória discursiva da FD-1 faz um contraponto com as perspectivas atuais. Ou seja, no discurso identitário dos grupos de Ternos de Reis aparecem a sazonalidade e a ritualidade pré-modernas das festas natalinas (GIDDENS, 2005). Atualmente, esses grupos sofrem a marginalidade e a exclusão por parte das sociedades modernas, gerando incertezas quanto à sua continuidade. Isso faz com que os Ternos de Reis se tornem um ritual de liberdade frente a tais angústias modernas (BAUMAN, 2003b).

Além disso, a festa encontra-se na fronteira entre a obrigação religiosa cristã e os folguedos pagãos, que são independentes da Igreja. As festas dos Ternos de Reis são ritualizadas seguindo o calendário religioso cristão, venerando os Santos Reis com músicas e usando imagens com motivos católicos. No entanto, essas festas ultrapassam o rito religioso, pois usam elementos profanos como bebidas alcoólicas e danças diversas, fora das igrejas, nas casas e ruas (AMARAL, 1998), como se vê no enunciado (27):

Bebia, bebia, dançava, na festa, no sexto dia, dançava, comia muito, a noite toda comendo, comemorando aquele dia de santo reis [...] que o dia de santo reis é o dia seis de janeiro, que era o dia de santo reis, então o povo comemorava essa data, que era quando encerrava o reisado.

A memória discursiva da FD-1 expressa valores natalinos cristãos, como fraternidade e celebração. Assim, pode-se ver nos enunciados a seguir:

Quando a gente era pequeno e morava na roça, qualquer coisa que aparecia diferente. [...] era uma coisa muita bonita, tinha música, tinha dança (11).

Como lembra Lévi-Strauss (2008), existe uma dinamicidade simbólica no Natal, pois este é uma festa que tematiza a infância, com uma ritualidade típica, trazendo elementos específicos da cultura cristã (menino Jesus, calendário religioso, anjos), além de carregar também elementos de crenças pagãs (danças, bebidas e músicas). Nesse ponto de vista, Bomfim (2009) afirma que a cultura marca os sujeitos sociais e se torna um legado para o grupo que se identifica com os Ternos de Reis no presente.

Assim, nas classes populares de origem rural, esse legado dos Ternos de Reis é passado

de geração a geração, criando identidade e continuidade, pois é essencial para que se possa viver e interpretar o mundo (UNESCO apud CASTRO; FONSECA, 2008, p. 11-12).

Dessa maneira, a identidade é formada a partir das narrativas gloriosas do passado, em que a memória, no campo psicológico, cria valores de alegria, bondade e celebração. Para Smolka (2000), essa memória, vista nos enunciados, possibilita a formação do discurso identitário de grupos de Ternos de Reis.

Desse modo, para Martino (2010, p.68), essas narrativas do passado fazem parte de textos culturais que se ligam à identidade e que são entendidas como “experiências significativas do cotidiano”. Ou seja, o fato recordado pela memória discursiva contém elementos marcantes que impressionaram o indivíduo, fazendo com que haja uma identificação do passado como algo considerado grandiosos

Essa memória discursiva está relacionada a vivências e experiências emocionais dos membros dos ternos de reis na família e na comunidade, criando significados para a identidade (MARTINO, 2010), como se pode ver no enunciado (08):

Eu me lembro, quando eu estava casada de pouco tempo, fiquei separada né. Eu estava na casa da minha sogra de madrugada o terno de reis chegou, eu estava com meu filhinho mais velho que hoje é falecido, com cinco, seis meses por ai, e quando este terno de reis chegou né, eu achei tão lindo de madrugada assim na porta, eu chorei muito, eu tava (estava) na casa de minha sogra separada, que meu marido estaria ali também né. E aquilo me marcou muito, eu me lembro muito, toda vez que eu vejo um terno de reis eu me lembro desse momento. E aquela cantoria de madrugada, e acordei com aquela coisa mar (mais) linda assim na porta cantando... E aquilo me marcou, eu nunca esqueço desse momento.

Além disso, a presença de enunciados com aspectos emocionais fortes, apresentando elementos que marcam a história de vida dos indivíduos. Nos enunciados da FD-1 são narrados acontecimentos envolvendo os grupos de Ternos de Reis. Neles encontra-se a memória discursiva de acontecimentos da comunidade. Por sua vez, esta memória discursiva dos enunciados dos sujeitos discursivos dos grupos de Ternos de Reis é marcada por palavras que têm sentido de tempo: “madrugada”, “seis meses”, “hoje”; enunciados de espaço: “casa de

minha sogra”; e enunciados de parentesco: “sogra”, “filho”, “marido”. Todas essas palavras são parte da memória discursiva da FD-1.

Segundo Martino (2010), os limites da identidade estão inseridos nas relações intersubjetivas mediadas por experiências marcantes dentro do grupo social que mantém os vínculos das relações comunitárias e que se torna parte da memória discursiva da FD-1. Isso é perceptível no enunciado (09):

Saía com o terno de reis, pela aquela redondeza toda da fazenda da Mimosa, Cachoeira Grande, e aí eu me lembro tudo isso.

Para Brandão (2005, p.2), as condições de produção do discurso indicam que os discursos estão dentro de um espaço social, cultural e geográfico; “[...] por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte”. Assim, o discurso identitário dos participantes do reisado é fruto de um convívio comunitário, ideologicamente marcado e veiculado no grupo de Ternos de Reis.

Desse modo, nos discursos sobre a identidade emergem enunciados que dão sentido ao passado, minimizando os sofrimentos que ocorreram. Esses enunciados apagam os momentos negativos que aconteceram na vida dos sujeitos sociais. Ou seja, a memória discursiva seleciona e qualifica o discurso de um passado bom e momentos edificantes.

Assim, nos discursos não há a apresentação das dificuldades que o reisado enfrentava no passado como a falta de recursos financeiros, dificuldade sociais, o alcoolismo, a morte e abandono dos membros e familiares.

Os pontos negativos do passado dos Ternos de Reis são minimizados e muitas vezes implícitos na memória discursiva (PÊCHEUX, 1999). Nesse processo discursivo, imaginário de um tempo bom e feliz domina os pontos positivos do passado, fazendo com que prevaleça para o sujeito discursivo enunciados de coisas boas, e silenciando os enunciados que podem desqualificar o passado como afirma Orlandi (2007b, p. 84): “O silêncio faz parte da constituição do sujeito e do sentido”. Orlandi (2007b) destaca que há a memória constitutiva formada para especificar o que pode ser dito e o que deve ser silenciado.

Por fim, os discursos sobre a identidade do reisado qualificam positivamente o passado dos Ternos de Reis. No entanto, os festejos de antigamente eram melhores, havia mais reconhecimento e a comunidade prestigiava mais os grupos. Esse passado glorioso reforça a identidade, produzindo enunciados que valorizam a vida de antigamente. No entanto, esses discursos estão inseridos na FD-1 em que os discursos do passado glorioso estão em conflito com os discursos que indicam o pessimismo em relação ao presente e as incertezas em relação ao futuro do reisado (FD-2).

Formação Discursiva 2 (FD -2) tempo atual - presente difícil, futuro incerto

A Formação Discursiva 2 (FD-2) apresenta um conjunto de enunciados cujo sentido é de um presente ameaçador e um futuro incerto para os grupos de Ternos de Reis. Os enunciados da FD-2 possuem o sentido de infelicidade e desespero para os grupos de Ternos de Reis. Tudo isso, porque não há interesse de continuidade dos mais jovens, nem reconhecimento social e ou mesmo apoio dos poderes públicos, como se pode observar nos enunciados:

Claro, o governo municipal hoje, não tá dando, não tá dando assim [...] (41).
Nem os próprios governantes não querem ajudar essa tradição, cada dia passa cada ano passa, e tá (está) se acabando, então essa cultura tá (está) morrendo [...] (43).

O sentido do presente na FD-2 é de ameaça e se transforma em medo, pois significa um futuro incerto para o reisado, como expresso no enunciado seguinte:

[...] hoje em dia você nem pode contar mais com terno de reis pra vim na sua casa, por que não ta existindo quase [...] (09).

Na FD-2 há enunciados que descrevem a dificuldade de transmitir a outra geração o legado cultural (BOMFIM, 2009) das classes populares rurais, segundo enunciado:

[..] é que hoje muitos jovens só vê (vêem) o lado do Reggae e o lado de muita folia, de muito pula-pula, mas tá perdendo o brilho disso, tá perdendo o brilho dessa coisa familiar (04);

Na própria família não se encontra voluntários jovens que queiram seguir a tradição do reisado com seus valores de celebração e fraternidade como se observa no enunciado:

Então os filhos, uns quer outros num quer. Agora muchou muito, agora é grupo novo que tem, não sei, aí a gente ficou meio afastado (64).

A falta de reconhecimento por parte das instituições religiosas da comunidade compromete o futuro da tradição e dos costumes do reisado. A Igreja Católica, por exemplo não apoia e até rejeita os grupos de Ternos de Reis, como foi expresso no enunciado:

Fora que a gente cantava nas igrejas católicas aqui, a gente cantava na da Nova Itapetinga, aqui em cima, Espírito Santo, igreja das Graças, igreja São José o padre chamou duas vezes a gente cantou lá, esse ano não mexeram com nada. [...] esse ano não mexeram com nada. Eu como cabeça de Terno de Reis e esperava que a igreja dissesse ‘cada o reis tá de pé?’, tá... A gente ia, aí eu convocava a equipe [...] (57).

A falta de apoio por parte do poder público é tido nos discursos dos membros dos grupos de Ternos de Reis como um descaso no tempo presente, como se pode observar no enunciado:

Hoje num tem esse apoio de antigamente (65);

A tristeza do abandono e do descaso por parte do poder público e da comunidade em geral faz emergir o discurso de desespero. Pois, o presente ameaçador se transforma em um futuro incerto como se pode observar no enunciado seguinte:

Nem os próprios governantes não querem ajudar essa tradição, cada dia passa cada ano passa, e tá (está) se acabando então essa cultura tá (está) morrendo [...] (43).

A falta de organização é tida como uma das dificuldades dos Ternos de Reis hoje. Assim, a desorganização leva ao desrespeito e ao enfraquecimento do reisado:

Nosso Terno de Reis era todo organizado, num era esse ternos quando passa a turma tudo bêbado, trabalhando bebo (02).

Associado à desorganização, há o vício do alcoolismo apontado como elemento negativo dos Ternos de Reis. Usar bebida em um evento religioso é moralmente condenável, daí, no enunciado dos membros dos Ternos de Reis, a observação do alcoolismo como decadência dos grupos em um presente ameaçador (FD-2).

No entanto, surgem outras explicações para explicar, o porquê do insucesso do reisado junto à comunidade. Há uma explicação com base na mudança dos costumes, como se pode ver no seguinte enunciado:

A comunidade hoje não tão (estão) querendo mais, não tão (estão) querendo, hoje serve até de crítica um terno de reis hoje, ninguém tá (está) querendo mais um terno de reis pra dentro de casa, pra sambar, pra brincar, pra divertir, ninguém tá (está) querendo mais [...] (42).

No tempo presente, há uma série de atividades, como a televisão e outros tipos de divertimentos urbanos (festas de camisa, jogos e etc) que levam a comunidade a esquecer o reisado (GIDDENS, 1991). Tais elementos modernos substituem o reisado e levam ao seu esquecimento. Além disso, a decadência dos ternos de reis é atribuída também à falta de seriedade por parte da comunidade. Esta não se identifica com o reisado e o rejeita, principalmente porque é uma manifestação cultural do passado rural (TRIGUEIRO, 2008), coisa de gente da terceira idade.

O discurso sobre identidade dos membros dos Ternos de reis aponta que há poucos grupos, indicando um presente ameaçador para o movimento na comunidade. Isso indica que o reisado perdeu seu valor simbólico que se ligava ao ritual do presépio de Natal. Indica

também a decadência do reisado, gerando insegurança e incerteza quanto ao futuro do grupo (GIDDENS, 1991), como aponta o enunciado:

[...] hoje em dia você nem pode contar mais com terno de reis pra vim na sua casa, por que não tá existindo quase, mas antigamente era muito importante o terno de reis na casa da gente, era, era momento de natal, no presépio, tinha que cantar um reis no presépio, que os presépio armava no natal só tirava depois do terno de reis, enquanto o terno de reis não passava pra poder cantar o reis naquele presépio não desarmava o presépio (09).

O descrédito e o desânimo estão presentes nos grupos de Ternos de Reis, isso indica que os elementos motivacionais como prestígio social, valores culturais e religiosos estão se perdendo ou fragilizados pelo contexto social contemporâneo (BAUMAN, 2003b). O que permanece são os elementos desagregadores do grupo, gerando desconfiança e descomprometimento, como é expresso no enunciado abaixo:

Hoje não tenho mais pique. Hoje não tenho mais força para montar um grupo de Ternos de Reis. E você ter hoje uma turma que seja (seja) dedicada àquilo, não pode ter furo: você vai me acompanhar Moisés, você não pode me deixar na mão (03).

Os valores familiares de crença, fé e as festas de congratulação dos Ternos de Reis não são os mesmos do passado, deixando saudades do tempo que passou. Na contemporaneidade, isso é evidente por causa das pessoas que antes moravam na zona rural e foram para cidade, enfraquecendo o reisado. Essa saída do campo (pré-moderno) para cidade (moderna) causou um impacto cultural negativo, tornou-se um obstáculo para formação da identidade do sujeito social (BAUMAN, 2003a; GIDDENS, 1991), como é expresso nos enunciados:

Nas roça, não tem mais aquelas casa que a gente cantava os reis, na cidade era bem pouca, que naquela época o povo falava que era maçom, maçom, não pode na cidade porque só tem maçom (60).

A decadência dos grupos dos grupos de Ternos de Reis na atualidade é evidenciada no discurso sobre identidade dos membros do reisado que denunciam o êxodo rural como uma das causas dessa decadência da cultura na cidade, como expresso no enunciado:

[...] Hoje não quer criar mais nem vaca só boi, boi, boi (61).

O desânimo da mudança para a cidade causou danos aos Ternos de Reis, pois as pessoas que moram no espaço urbano não os reconhecem como referência cultural (FONSECA, 2000). Eles são reconhecidos em bairros da periferia como o Américo Nogueira, em Itapetinga, onde moram, grande parte das pessoas vinda da zona rural.

Na atualidade, há o temor em relação ao futuro dos Ternos de Reis, pois a comunidade se modificou. As certezas se transformaram, na contemporaneidade, em incertezas e inseguranças (BAUMAN, 2003a). O medo da violência urbana justifica os isolamentos e os desprezos ao Reisado:

Hoje em dia se for o caso, a gente vive com tanto medo, que não temos coragem nem de abrir a porta para receber (13).

A cidade é um lugar de insegurança e de medo e as condições sociais dos grupos de Terno de Reis são precárias. Os membros dos Ternos são marginalizados e não participam das produções econômicas da indústria cultural, não recebem os benefícios dos poderes públicos e não são identificados como referência cultural (BOSI, 2007).

O presente é apresentado de forma negativa e ameaçadora, pois constitui um tempo que excluem as pessoas de seu espaço físico e de suas expressões culturais que não se adaptam à lógica da modernidade: “[...] vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos [...]” (BAUMAN, 2003b, p. 8).

Emerge o discurso sobre identidade dos membros dos Ternos de Reis, destacando o presente como algo ameaçador, a percepção de um futuro como algo incerto, e a comparação com o passado glorioso de 40 anos atrás (nostalgia). A sociedade mudou, a cultura se transformou, enfraquecendo e acabando com o reisado, como destaca o enunciado:

E hoje eu acho que a cultura do reisado ta muito pouca, tá (está) muita fraca, hoje ela não tá (está) como era antigamente, tá (está) entendendo? Tá (está) acabando, cada ano (que) passa ela ta (está) ficando mais fraca. Eu cantei muito, eu cantei muito reis há uns 40 anos atrás [...] (16).

A forma aforística de expressar o fim do grupo mostra como os Ternos de Reis sofrem ameaças no presente, daí se condena o tempo contemporâneo que é contraditório e ruim, pois contém elementos de incertezas para o reisado, como destaca o enunciado:

E hoje tá (está) acabando, cada dia, cada ano que passa, eu tô sentindo que tá (está) acabando o reisado hoje (17).

Nos enunciados da FI-2, os elementos sociais como a vida urbana, a falta de incentivo econômico e institucional, e a desvalorização cultural do reisado são expressas como ameaça ao futuro dos Ternos de Reis. Os Ternos de Reis são ameaçados, dado que não são mais reconhecidos como referência cultural na comunidade (FONSECA, 2000). Essa evidência é apresentada no enunciado que destaca a negligência da juventude em relação à referência cultural (FONSECA, 2000).

Desse modo, há uma reação pessimista quanto à continuidade do reisado, uma ameaça à identidade dos sujeitos sociais na atualidade (GIDDENS, 1991). Assim se não há sujeitos sociais que dê continuidade à tradição, não há mais como ter a referência cultural. Assim não haverá mais como ter nos grupos de Ternos de Reis o referencial identitário em Itapetinga.

Entretanto, mesmo com esse grau de pessimismo exposto acima, ainda há a preocupação dos membros dos Ternos de Reis em transmitir o legado patrimonial (BOMFIM, 2009) para as gerações futuras. Isso tudo deixa evidente que junto ao medo do futuro está uma esperança de continuidade e transmissão da tradição dos Ternos de Reis, como aponta o enunciado:

Isso é muito importante para a gente, para nossos filhos, para nossos netos, nosso filhos já tão grande, para nossos netos. Tem criança aí que não sabe nada disso, o que significa isso, isso é muito importante isso (01).

Segundo a FD-2, o presente aponta para a decadência dos valores dos Ternos de Reis como fraternidade e confraternização. No discurso dos membros dos reisados sobre a identidade, o presente ameaçador está em oposição ao discurso do futuro incerto e ruim. A tradição é destruída por uma realidade de crimes, exclusões e contradições sociais, decorrente das mudanças culturais e socioeconômicas. Assim, a realidade da periferia e as drogas que ameaçam a juventude são preocupantes e evidenciam a realidade urbana contemporânea, como expresso no enunciado abaixo:

Um ao outro, desenvolver na alegria, e assim muitas vezes se a gente facilitar as coisas vão morrendo, quando as coisas boas morrem, aparecem umas coisa que não valem à pena, como a gente vive hoje num mundo cheio de contradição, cheio de drogas, precisa muitas vezes bulir com essas coisas pra vê se a gente preocupa a mente mais com aquilo que é bom, e esquecemos daquilo que faz daquilo que é ruim, tá entendendo? (57).

Assim sendo, em uma sociedade tão inóspita, em um tempo de ameaças, desperta o imaginário acerca do fim dos grupos de Ternos de Reis. Não há mais uma certeza, um acolhimento e nem segurança, pois a sociedade contemporânea é constituída de ameaças constantes à vida dos grupos e dos sujeitos sociais (BAUMAN, 2003b).

No discurso sobre identidade dos membros dos grupos de Ternos de Reis, o reconhecimento comunitário é fundamental para alimentação e continuidade da celebração do reisado. As pessoas não mais reconhecem o significado dos grupos. Assim, tudo isso se desdobra em um futuro incerto na composição dos membros dos grupos de reisado. Se falta alguém no grupo, cria-se uma dificuldade de sobrevivência do festejo, pois para ser “reiseiro”, necessita-se um preparo, um domínio da técnica e da música, toda uma liturgia e poucos querem ser e aprender a tradição, principalmente entre os membros mais jovens da comunidade, como se destaca no enunciado:

Principalmente o que a gente tem mais preocupação de participação como músico é o gaiteiro, o gaiteiro esse é meio complicado, é importante, precisa saber tocar a gaita, tá entendendo? É difícil de encontrar. São três:

dois é gatilho, aonde um é cego, e o outro é zabumbeiro e tem outro que bate a caixa, ai tem pandeiro, essas coisas no meio, é acompanhado com homem e com mulher nosso terno. E então por ai a gente paralisou, e a gente tem saudades disso, porque sempre eu gostei de dar promoção, gostei desses movimentos onde tá a alegria (58).

No funcionamento dos discursos da FD-2 emerge uma consciência da importância do reisado para a cultura local, saberes que dão sentido à vida dos sujeitos sociais: “os filtros construtores de sentido” (CHARAUDEAU, 2009, p.32). Esses sentidos estão presentes na comunidade por meio de elementos culturais dos reisados: cantos, danças, festas e músicas. No entanto, tudo isso se perde e é desvalorizado, esquecido, gera um desespero, como se pode observar no enunciado:

Eu acho que a questão de enfraquecer é valorizar menos, por que se fosse mais ia, tá entendendo? Se cada um valorizasse e desse valor, tá entendendo? Que cada vez que a gente tá num meio desse, a gente tá sendo cada vez mais visto pela sociedade, entendeu? E quando a gente muitas vezes fica lá no canto abandonado, fica esquecido, tá entendendo? (59).

Assim sendo, na FD-2, os discursos apontam que no presente não há o devido reconhecimento aos grupos de Ternos de Reis, há uma “paralisia”, gerando resignação. Os discursos expressos são evidências de uma consciência de morte eminente, uma tristeza profunda, esquecimento e abandono.

Do ponto de vista da sucessão do grupo de Ternos de Reis que garantiria o desenvolvimento e a continuidade, emergem efeitos de sentido de morte. O abandono e as outras formas de esquecimento anulam o sujeito social, intensificando a fragmentação identitária, porque não há continuidade nos festejos. É o fim da história e da identidade, dado que esta é uma construção histórica, marcada na dinâmica entre interlocutores de um mesmo grupo social (ORALANDI, 2007a). Em outras palavras, só haverá continuidade do reisado se houver um resgate da memória discursiva dos grupos para as gerações mais jovens na comunidade.

[...] de modo geral hoje a juventude não tá (está) nem querendo, tá até tipo um gozação uma brincadeira, não tá (está) tendo opção nenhuma pro reisado, o reis hoje, é aquelas pessoas mais velhas da minha idade, sessenta, sessenta e pouco anos é que tá (está) gostando (42).

Para Bauman (2003a), na comunidade, o sujeito social para se sentir seguro deve ser reconhecido comunitariamente. O abandono comunitário e o esquecimento apontam para o fim do reisado como referência cultural, interrompendo a transmissão do legado cultural na cidade de Itapetinga. A marginalidade, imposta aos membros dos grupos de reisado, é a condição de produção de discursos pessimistas, negando o auto reconhecimento, a estabilização e valorização da identidade dos sujeitos sociais. Os discursos sobre identidade se apresentam como uma crítica à sociedade que explora e marginaliza os Ternos de Reis.

O poder marcado pela posse da terra, marginaliza os sujeitos e por conseguinte o leva a perder-se na cidade industrial e marginalizadora (TRIGUEIRO, 2008). O capital e a terra como elemento de poder econômico são marcas da contemporaneidade. Essa evidência de uma Itapetinga que se transforma economicamente, perdendo suas referências culturais e marcadores identitários como os Ternos de Reis. Por sua vez, as referências precisam dos sujeitos para sobreviver.

Considerações finais

Os Ternos de Reis em Itapetinga constituem uma referência cultural na cidade, pois contêm elementos da cultura popular que marcam a identidade dos sujeitos sociais. Desse modo, em Itapetinga, a tradição do reisado está relacionada a um discurso identitário:

- 1) O discurso identitário dos Ternos de Reis pertence a uma Formação Ideológica (FI);
- 2) Há uma Formação Discursiva 1 (FD-1 - passado glorioso) e uma Formação Discursiva 2 - FD-2) - presente difícil e futuro incerto);

O discurso identitário dos Ternos de Reis tem um caráter de memória que exalta o passado como glorioso (FD-1). Essa FD-1 é sustentada pela memória discursiva que remete ao sucesso e glória do reisado no tempo passado. Nessa época, os grupos eram reconhecidos e

valorizados. Por isso, há a seleção de diversas narrativas que apontam para esse tempo bom e salutar dos Ternos de Reis, sem dar importância aos elementos não gloriosos que devem também ter ocorrido.

Recordar esse tempo glorioso é importante para manter a identidade. Por isso são repetidos os enunciados que destacam os pontos positivos do passado. A memória discursiva é como um filtro que só deixa passar o discurso de alegria e felicidade, silenciando o sofrimento e as narrativas não gloriosas do passado.

No passado há festa e rituais, o que indica o caráter pré-moderno dos Ternos de Reis, uma vez que esses grupos se inserem em categorias de festa, alegria e comemoração (GIDDENS, 2005). Essa comemoração se refere ao mito do nascimento de Jesus, Deus dos cristãos.

O discurso de um passado glorioso aponta a dinâmica das festas pré-modernas, que têm seu rito ligado ao calendário religioso católico e pertencem às classes populares (AMARAL, 1998).

O passado lembrado no discurso da FD-1 tem uma tipicidade, são das classes populares e de origem rural (TRIGUEIRO, 2008). Esses grupos de Ternos de Reis guardam a herança da identidade da comunidade de Itapetinga, marcando a origem histórica e dinâmica da pecuária extensiva e que se pode notar no território do município até hoje (FERREIRA, 2009).

O caráter de memorizar os aspectos positivos do passado resgata valores de celebração, fraternidade, congratulação e pertencimento, típicos das referências culturais (UNESCO apud CASTRO; FONSECA, 2008).

Na FD-1, as narrativas do passado são retratações de experiências e informações (memória discursiva) e dão sustentação ao discurso identitário dos grupos de Ternos de Reis. Por seu turno, esse discurso revive experiências emocionais dos membros dos Ternos de Reis, tornando-se identidade. Desse modo, o discurso do passado glorioso carrega crenças, valores culturais, sociais e a ideologia do grupo que reluta em sobreviver frente à modernidade e a exclusão sociocultural.

Além do que foi exposto, observa-se que o discurso identitário dos membros dos Ternos de Reis e da comunidade denuncia um presente difícil e um futuro incerto para os grupos de reisado, conforme se pode ver na FD-2. Assim, essa formação discursiva é repleta de um pessimismo cultural por causa do desinteresse da comunidade, da desistência dos jovens e por falta de apoio dos poderes públicos. Tudo isso gera um sentimento de medo e de incertezas quanto ao futuro dos Ternos de Reis, pela dificuldade em transmitir o legado cultural para as gerações vindouras (BOMFIM, 2009).

Abandono, pessimismo e descaso geram uma incerteza identitária. Isso significa que os Ternos de Reis, que sustentam e integram a identidade dos sujeitos sociais, estão acabando e com eles a vida e o significado dela para esses sujeitos. As danças, as músicas, o pertencimento a um grupo social são elementos simbólicos que sustentam a identidade das pessoas nos Grupos de Ternos de Reis. Acabando os grupos de reisado, faltará o simbólico, que sustenta a identidade. Tudo isso gera um medo, que é típico da contemporaneidade (BAUMAN, 2003b), presente em Itapetinga, Bahia.

A desorganização, o alcoolismo, a falta de subsídios governamentais, bem como a falta de interesse comercial nos Ternos Reis são elementos que aparecem no discurso da FD-2. Esses elementos condenam o reisado à extinção. A contemporaneidade, com suas mudanças sociais, econômicas e culturais, modifica os costumes da comunidade, prejudicando o reisado. A sociedade mudou e com ela as referências culturais, levando ao enfraquecimento dos Ternos de Reis (GIDDENS, 1991).

NA FD-2, os jovens da comunidade não têm os Ternos de Reis como uma referência cultural, pois estes grupos representam passado rural, pré-moderno e arcaico (TRIGUEIRO, 2008). A contemporaneidade urbana oferece outros atrativos, tais como festas juninas organizadas, danças da moda, televisão, Internet e outros referenciais simbólicos.

O discurso da identidade dos Ternos de Reis (FD-2) relata ainda a perda de valores natalinos como fraternidade, congratulações, espírito comunitário, devoção e festividade. A própria ritualidade do Natal se perdeu com a decadência do reisado. Tudo isso aponta a passagem da comunidade como um sistema pré-moderno (mítico, religioso, rural e

ritualístico) para o moderno (capitalista, moderno e urbano), desenvolvendo uma crise identitária (GIDDENS, 1991). A urbanidade e a dinâmica da modernidade proporcionaram a desvalorização dos Ternos de Reis, pois a comunidade não mais reconhece essa referência cultural (FONSECA, 2000). No entanto, por seu caráter popular e marginal, o reisado ainda é referência em bairros da periferia e para alguns membros da comunidade, oriundos da zona rural.

Entretanto, mesmo com esse reconhecimento mínimo, há a incerteza e o medo, que se desdobra em insegurança (BAUMAN, 2003a). Assim, a violência, o isolamento e o desprezo aparecem como uma constatação de pessimismo no discurso identitário dos membros dos grupos de Ternos de Reis. As condições dos membros dos grupos de Terno de Reis são de marginalidade econômica, social e cultural. Eles não participam das produções econômicas da indústria cultural, nem mesmo são beneficiados pelas políticas públicas para a cultura, muito menos são valorizados como referência cultural (BOSI, 2007). O presente mostra uma sensação negativa quanto ao futuro dos Ternos de Reis. É a contemporaneidade degradante para a tradição, pois está perpassada por crimes, exclusões e drogas.

Além disso, o reisado não dá lucro, nem mesmo há uma ação que possa seduzir ou atrair pessoas para que possam vê-los em ação (GIDDES, 1991). Não há jovens nos grupos que dêem continuidade à tradição e por conseguinte, não há como manter a referência cultural para as futuras gerações. Assim não haverá mais nos grupos de Ternos de Reis o referencial identitário de Itapetinga.

Em um tempo tão ruim, o futuro se torna sombrio para o reisado. Assim, o discurso identitário dos Ternos de Reis destaca um sentimento de morte e abandono que se desdobra no fim dessa identidade. Constata-se então a falta de oportunidade e incentivo, bem como de jovens na comunidade que se resignem em continuar a guardar a herança identitária dos Ternos de Reis.

Percebeu-se também a necessidade de apoio por parte da comunidade itapetinguense, envolvendo educação formal, exposição e compensação financeira e material dos grupos de Ternos de Reis. Nessa perspectiva, observa-se a necessidade de ligação entre a cultura do

reisado à identidade de Itapetinga, fazendo com que os jovens possam se identificar com essa referência cultural, a ponto de querer que as manifestações de reisado se perpetuem como legado cultural.

Sem uma valorização do reisado no presente não haverá memória nem uma identidade a ser conservada e, muito menos, um futuro a ser conquistado. Os Ternos de Reis são os verdadeiros guardiões da identidade cultural em Itapetinga.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. De peregrino a turista, o una breve historia de la identidad. In: HALL, Stuart; GAY, Paul du (Com). **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2003a. p. 40-68.

_____. **Comunidade**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2003b.

_____. **Identidade**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2005.

BOSI, Ecléia. **Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, [19--].

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; LONDRES, Maria Cecília. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO/Educarte, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: ROCCO, 1984.

DAVALLON, Jean. A Imagem, uma Arte de Memória. In: _____ et. al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 23-32.

FERREIRA, Lúcia Gracia. **Professoras da Zona Rural: formação, identidade, saberes e práticas**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós

Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2009.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Marta (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A Editora, 2000.

_____. Introducción: ¿quién necesita “identidad”? In: HALL, Stuart; GAY, Paul du (Com). **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2003. p. 13-39.

LOPES, Maria I. V. Lopes. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LOZI, Carolina Tomaz A. et al. **As Folias de Reis e o espaço geográfico da religião**. In: II Simpósio Regional de Geografia: “Perspectivas para o Cerrado no século XXI”. 02., 2003, Uberlândia. Anais. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia, 2003. p. 1-7.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____. Escola Francesa de Análise do Discurso. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Org.). **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 202-203.

MARTINO, Luís M. Sá. **Comunicação e identidade: Quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010.

MELLO, Luiz Gonzaga. **Antropologia Cultural**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: contraste da intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p.63-171.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso: princípios & procedimento**. Campinas: Pontes, 2007a.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007b.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. UNICAMP. 1988.

_____. Papel da Memória. In: _____ et. al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-58.

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

REIS, João José. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 95-141.

SCHOKEL, Luís Alonso. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. “Festas Populares” In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 107-112.

_____. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

UNESCO. **Documentos da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. In: *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. 29/set à 17/Out. 2003. Paris, França. Documentos. 2006.

VIANA, Moises dos Santos; SILVA, Sandra Lúcia da Cunha e. VISAO SISTÊMICA: UMA NOVA FORMA DE CAMINHAR. In: **Enciclopédia Biosfera**. Goiânia, v. 04, p. 2007/B/1-2007/B/7, 2007.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Análise do Discurso: um itinerário histórico. In: PEREIRA, Helena B. C. & ATIK, M. Luiza G. (orgs.) **Língua, Literatura e Cultura em Diálogo**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand005.pdf>> . Acesso em: 05 de abr. de 2009.

_____. Analisando o discurso. In: **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) - Professora Associada Helena Hathsue Nagamine Brandão: publicações**. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand001.pdf>> . Acesso em: 05 de Abr. de 2009.

FONSECA, Maria C. L. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio [2000]. In: **IPEA: Publicações – Desafios do Desenvolvimento**. Disponível em: <www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/.../bps.../referencia.pdf> . Acesso em: 07 de Set. 2010.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Mundo geo! Geografia - Universidade Federal de Santa Maria**. Santa Maria, 2005. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/mundogeo/geopolitica/more/stuarthall.htm>>. Acesso em: 08 de mai. de 2008.

KIMO, Igor Jorge. Estratégias de Manutenção em um Terno de Folia de Reis no Nordeste de Minas Gerais. In: NPPOM – Décimo Quinto congresso/2005. **Anais Eletrônicos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Disponível em: <www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao13/igor_kimo.pdf> Acesso em: 05 de ago. de 2008.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural**. Educ. Soc., Campinas, v. 21, n. 71, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200008&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em: 23 Set. de 2006.

Artigo recebido em 24 de junho de 2012. Aprovado em 20 de dezembro de 2013.